



ISSN: 2230-9926

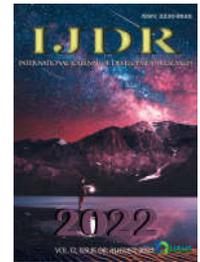
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 08, pp. 58275-58284, August, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.25069.08.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

EFEITOS DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE EM PACIENTES INFANTO-JUVENIS COM CÂNCER

*Aparecida Iara Bezerra Pinheiro, Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira, Jeania Lima Oliveira and Terezinha Almeida Queiroz

¹Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 28th June, 2022
Received in revised form
17th July, 2022
Accepted 23rd July, 2022
Published online 30th August, 2022

Key Words:

Complementary Therapies.
Neoplasms. Pediatrics.

*Corresponding author:

Rui Gonçalves da Luz Neto

ABSTRACT

Cancer in infant and juvenile patients demands the experience of harmful situations to their well-being in physical, psychological, and social matters during and after the cancer treatment. Complementary Therapies (CT) can be a method to fight the side effects of cancer therapy, improving the quality of life of these patients. This study aimed to examine the currently available evidence about CT's effects in infant and juvenile patients with cancer. This research is an integrative review of literature conducted on January 2021 by searching in the BDNF, CINAHL, LILACS, PubMed, Scopus, and Web of Science databases. The review included ten papers, whose analysis raised the following categories: physical effects, psychologic and spiritual effects and, nonspecific effects. The CT effects identified were achieved thanks to the use of Reiki, Therapeutic Massage, Meditation, Chiropractic/Osteopathy, Herbalism, Apitherapy, Music Therapy, Homeopathy, and Visualization. The results showed that CT in infant and juvenile patients with cancer is an important ally to promote physical and mental health since some effects revealed by the studies were the reduction of pain and side effects of the treatment, promotion of relaxation, increased resilience, promotion of family bond, and promotion of faith and hope. Infant and juvenile patients have several CT to use and its effects can benefit them integrally. It was observed that these therapies can help to deal with the challenges found in this fragile moment of the patient's life. In addition, it can improve the survival odds of cancer and preserve the patient's physical and psychological condition. However, further studies are still needed to explore CT's efficacy based on the use of scientific methods to increase the reliability of the founded results.

Copyright © 2022, Aparecida Iara Bezerra Pinheiro et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Aparecida Iara Bezerra Pinheiro, Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira, Jeania Lima Oliveira and Terezinha Almeida Queiroz, 2022. "Efeitos das práticas integrativas e complementares em saúde em pacientes infanto-juvenis com Câncer", *International Journal of Development Research*, 12, (08), 58275-58284.

INTRODUCTION

O câncer é uma das principais causas de morte no mundo, no qual estima-se que foi responsável por 9,6 milhões de mortes em 2018. O *Global Cancer Observatory* espera que em 2025 a incidência de câncer seja de mais de 21 milhões de casos no planeta (WILD; WEIDERPASS; STEWART, 2020; INTERNATIONAL AGENCY FOR RESEARCH ON CANCER, 2020). No Brasil, o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva – INCA (2019) estima que haverá mais de 625 mil novos casos de câncer a cada ano do triênio 2020-2022. Segundo o INCA (2019), o câncer pode afetar qualquer pessoa, independentemente da idade, situação econômica ou etnia. Quando essa patologia ocorre em crianças e adolescentes com idade entre 1 e 19 anos é denominada como câncer infanto-juvenil. De acordo com Steliarova-Foucher *et al.* (2017), o câncer é uma das principais causas de morte de crianças e adolescentes mundialmente e em torno de 300.000 crianças de 0 a 19 anos são diagnosticadas com

câncer a cada ano. O INCA (2019) considera o câncer infanto-juvenil como um evento raro, afetando cerca de 1 a 4% de todos os tumores malignos detectados na população brasileira. Os fatores de risco para o câncer infanto-juvenil ainda não foram totalmente elucidados. Sabe-se que existe um risco quando há contato com radiação ionizante e a ingestão de dietilestilbestrol durante a gestação. Ademais, algumas evidências também sugerem que há uma associação desse tipo de câncer com fatores genéticos e que algumas infecções virais, como as causadas pelo *Human Immunodeficiency Virus* (HIV) e pelos vírus Herpes, Hepatite B e Epstein-Barr, podem contribuir no aumento da sua incidência (PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION, 2014). Os estudos de Gupta *et al.* (2015) e Howard *et al.* (2018) revelaram que cerca de 80% das crianças e adolescentes com câncer são curadas quando recebem o tratamento adequado em países desenvolvidos, porém essa taxa diminui para aproximadamente 20% em países subdesenvolvidos e emergentes. Para alcançar a cura, é primordial que a neoplasia seja diagnosticada corretamente para subsidiar a abordagem terapêutica apropriada.

O tratamento do câncer infanto-juvenil tem avançado de maneira expressiva, particularmente nos últimos anos, propiciando uma maior chance de cura e sobrevida. Um dos fatores que contribuem na sobrevivência ao câncer infanto-juvenil é que as crianças e adolescentes respondem melhor ao tratamento do que os adultos. Entretanto, elas apresentam maiores chances de desenvolverem algum efeito colateral em determinados tipos de tratamento, pois seus organismos ainda estão em desenvolvimento (AMERICAN CANCER SOCIETY, 2019). Destaca-se também que o tratamento do câncer é longo e impõe inúmeros empecilhos para as crianças e adolescentes que o enfrentam, além de provocar várias modificações no seu cotidiano. Um desses desafios são os efeitos físicos e psicológicos da doença e do tratamento no organismo, que são um dos fatores estressantes que prejudicam a qualidade de vida do paciente (MOREIRA-DIAS; SILVA, 2018; LINDER; HOOKE, 2019). Segundo Hooke e Linder (2019), as crianças e os adolescentes com câncer, assim como seus familiares, estão sob grande estresse, pois necessitam se afastar de suas atividades cotidianas e a maioria é hospitalizada para dar seguimento ao tratamento. Os recursos terapêuticos utilizados nesses casos muitas vezes são intensos, fazendo com que surjam efeitos colaterais incômodos, como fadiga, distúrbios de sono, náuseas, vômitos, dores e tristeza. Essas manifestações contribuem para que haja uma redução da qualidade de vida dos pacientes e de seus familiares durante o período de tratamento, porém os efeitos negativos da terapia ainda podem continuar a prejudicá-los após a cura do câncer.

Conforme Berkman *et al.* (2020) e Linder e Hooke (2019), os sobreviventes do câncer infanto-juvenil apresentam um risco elevado de ter uma péssima qualidade de vida na idade adulta, que inclui a prática de hábitos prejudiciais à sua saúde, como abuso de álcool, tabagismo e sedentarismo. Também existe um maior risco dessas pessoas desenvolverem problemas psicológicos após a cura, como ansiedade, distresse, depressão e suicídio. Devido a isso, é primordial implementar medidas que visem prevenir, identificar e controlar as manifestações decorrentes da terapia antineoplásica, a fim de evitar interrupções ou alterações no tratamento e, consequentemente, aumentar a qualidade de vida do paciente e reduzir a morbidade do câncer. Salienta-se que algumas evidências sugerem que o controle desses sintomas pode melhorar o seu bem-estar psicossocial futuramente (BARAJAS-NAVA; GARDUÑO-ESPINOSA, 2016; DUPUIS *et al.*, 2012). Uma das medidas que podem ser utilizadas no manejo dos sintomas da terapia antineoplásica são as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), que consistem em um conjunto de recursos que podem atuar em diversos aspectos da saúde, propiciando tanto a recuperação da saúde quanto a prevenção de doenças e agravos físicos e mentais. Essas práticas são bastante proveitosas, pois são utilizados métodos não medicamentosos voltados ao autocuidado, que priorizam a escuta acolhedora, o vínculo e a integração com o meio ambiente e a comunidade (AGUIAR; KANAN; MASIERO, 2019). De acordo com Caughey *et al.* (2020), vários pacientes oncológicos têm recorrido ao uso das PICS durante e após o tratamento da doença. Esses pacientes geralmente procuram essa abordagem para reduzir os efeitos colaterais da terapia e a progressão do câncer, melhorar a sua qualidade de vida, lidar com a ansiedade e depressão, ter uma maior independência quanto ao seu quadro de saúde e contribuir ativamente no tratamento.

Sabe-se que é comum o tratamento do câncer ocorrer em estabelecimentos de atenção terciária, muitas vezes demandando longos períodos de internação, o que configura como um fator estressante para as crianças e os adolescentes, pois necessitam lidar com mudanças no seu cotidiano e são expostas a situações que causam ansiedade e angústia. A exposição contínua a esses sentimentos negativos pode acarretar em uma resposta nociva ao sistema imunológico e outros componentes do organismo, repercutindo no tratamento utilizado (CARVALHO *et al.*, 2018). Ademais, é importante aplicar o cuidado humanizado na assistência, tendo em vista que o uso da terapia medicamentosa e de outros meios não são totalmente eficazes para ajudar o paciente a lidar com os diversos efeitos do tratamento do câncer. As PICS são amplamente reconhecidas pelo seu caráter humanizado, tendo seus efeitos

benéficos cientificamente comprovados no tratamento do câncer infanto-juvenil. Apesar disso, vários familiares se veem desamparados ao buscar orientações sobre o seu uso, pois muitos profissionais da saúde não possuem o conhecimento adequado para discutir com propriedade os efeitos das PICS no tratamento do câncer em crianças e adolescentes (JONG *et al.*, 2020). No Brasil, a implantação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS) em 2006 representou um grande avanço no reconhecimento da importância das PICS na promoção e recuperação da saúde, porém seu uso ainda enfrenta algumas adversidades, como a dificuldade na formação e qualificação de profissionais e a falta de investimentos e estrutura da saúde pública para fornecer essas práticas integralmente (REIS; ESTEVES; GRECO, 2018). O interesse da autora em produzir um estudo voltado à temática das PICS surgiu em virtude das experiências familiares com o câncer, em que foi visto a necessidade e a importância de implementar recursos terapêuticos alternativos ao tratamento convencional no cuidado oncológico para garantir a qualidade de vida do paciente e de seus familiares, especialmente naqueles que estão no estágio final da doença. A escolha por abordar crianças e adolescentes ocorreu devido às vivências que a autora teve como bolsista de Iniciação Científica, que despertaram a curiosidade em abordar as PICS em face das particularidades do cuidado que esses pacientes necessitam. Diante disso, percebe-se que o uso das PICS no câncer infanto-juvenil ainda necessita superar diversos obstáculos para ser implementada integralmente no Brasil. Esses problemas perpassam questões que englobam desde a formação dos profissionais até a gestão dos serviços de saúde. Logo, para solucionar esses empecilhos é necessário produzir evidências científicas para fortalecer a PNPIC. Outro aspecto que necessita ser considerado é o impacto negativo que o câncer tem nas crianças, adolescentes e nos seus familiares durante o tratamento e devido a isso é preciso realizar intervenções que visem melhorar a sua qualidade de vida durante esse período, como a integração das PICS na rotina de cuidados, cujo uso pode contribuir no aumento das taxas de sobrevida dessa patologia, assim como outros efeitos benéficos. Considerando o que foi exposto, questiona-se: Quais são os efeitos das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde em pacientes infanto-juvenis com câncer? Assim, objetivou-se analisar na literatura científica disponível os efeitos das PICS em pacientes infanto-juvenis com câncer.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que segundo Mendes, Silveira e Galvão (2008) é um método que objetiva compilar e sumarizar resultados de pesquisas que tratam de um determinado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento disponível sobre o tema investigado. Conforme preconizado por Mendes, Silveira e Galvão (2008), optou-se por nortear esta revisão integrativa a partir das seguintes etapas: 1ª. Identificação da temática e seleção da questão de pesquisa; 2ª. Busca na literatura; 3ª. Extração de dados dos estudos selecionados/categorização dos estudos; 4ª. Avaliação dos estudos incluídos; 5ª. Interpretação dos resultados; e 6ª. Apresentação da revisão. A questão de pesquisa desta revisão foi “Quais são os efeitos das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde em pacientes infanto-juvenis com câncer?”. Em um primeiro momento foram definidos os descritores que seriam utilizados na busca através dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e optou-se por: Terapias Complementares/Complementary Therapies; Neoplasias/Neoplasms; Pediatria/Pediatrics. Para facilitar a busca, em algumas bases esses descritores foram pesquisados em inglês ou como termos *Medical Subject Headings* (MeSH) e foram associados por meio do operador booleano “AND” em todas as bases. Para que a pesquisa abrangesse estudos tanto nacionais quanto internacionais, optou-se por realizá-la nas seguintes bases de dados: BDEF, CINAHL, LILACS (busca realizada por meio da ferramenta de Busca Avançada – iAH), PubMed, Scopus e Web of Science. Foram incluídos no estudo todos os artigos em inglês, espanhol e português, com resumos disponíveis e que foram publicados nos últimos 10 anos (janeiro de 2012 a

janeiro de 2021). Esse período de publicação foi escolhido para que fosse possível incluir uma quantidade adequada de estudos para analisar a produção científica de maneira satisfatória, assim como trabalhar com artigos recentes. Foram excluídos os anais, resumos de eventos, livros, capítulos de livro, artigos de revisão, textos de opinião, editoriais, monografias, dissertações, teses, cartas ao leitor e artigos duplicados. Em um primeiro momento, foi realizada a leitura dos títulos e resumos para definir quais artigos seriam parte da amostra. Para auxiliar a análise crítica e a síntese dos artigos incluídos, utilizou-se um instrumento baseado em Ursi (2005), que analisou os estudos quanto aos seguintes itens: identificação, instituição sede do estudo, tipo de revista científica, aspectos metodológicos e avaliação do rigor metodológico. Após a leitura crítica dos artigos, efetuou-se a interpretação dos resultados obtidos e a apresentação da revisão, que foi elaborada a partir da síntese dos estudos e representada por meio de quadros, figuras e gráficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente foram encontrados 66 artigos nas bases de dados, destes 23 eram duplicados e foram removidos, sobrando 43 estudos cujos títulos e resumos foram analisados. Após essa primeira análise, identificaram-se 16 artigos elegíveis que foram lidos na íntegra e analisados criteriosamente, resultando nos 10 estudos que foram incluídos na revisão. O processo de seleção dos artigos nas bases de dados. Identificou-se que apenas quatro estudos discutiram uma Prática Integrativa e Complementar (PIC) específica, sendo abordados o uso do Reiki para reduzir a dor, a aromaterapia para reduzir a náusea causada pela quimioterapia, a apicultura para tratar a mucosite oral e a relevância da musicoterapia no tratamento do câncer infanto-juvenil. Esses artigos também foram os únicos a tratar especificamente dos efeitos das práticas no câncer infanto-juvenil. Os outros seis artigos focaram na caracterização das PICS que eram utilizadas e destinaram uma pequena parte do seu instrumento de coleta de dados para analisar seus efeitos, e alguns abordou-os de maneira inespecífica, questionando apenas se foi observado uma melhora ou piora do estado de saúde da criança ou do adolescente. Vale ressaltar que vários estudos mencionaram o uso de mais de uma PIC pelas crianças e adolescentes com câncer, sendo que as mais citadas foram o Reiki e a Fitoterapia, ambos referidos em 5 artigos; seguidos pela Massoterapia, presente em 4 artigos, e pela Homeopatia, Aromaterapia, Quiropraxia, Meditação e Visualização Criativa, em que cada um foi citado em 3 artigos. Quanto à autoria dos estudos incluídos, seis especificaram as categorias profissionais dos autores, em que dois foram redigidos por médicos, um por músicos e dois por enfermeiros. Não foi possível identificar a profissão dos autores em quatro estudos, porém todos especificaram o local de trabalho e notou-se que em alguns estudos pelo menos um dos autores era vinculado ao local da pesquisa, seja como funcionário ou estudante.

Dos artigos analisados, nove foram realizados em hospitais, desses, três estudos foram realizados de maneira multicêntrica, outros seis foram em instituição única e um não identificou o local da pesquisa. Entretanto, todos os estudos identificaram o país onde foram realizados, em que foi observado que a amostra incluiu artigos realizados em diferentes países e continentes, sendo que os Estados Unidos e a Austrália foram os países que mais sediaram pesquisas, cada um com dois artigos. Sendo que Canadá, Escócia, Eslovênia, Países Baixos, Itália e México foram os outros países onde os estudos foram realizados, cada local com um artigo publicado. A respeito do ano de publicação dos estudos, o ano que teve um maior número de produções foi 2013, com quatro artigos publicados, e os outros seis foram publicados em 2012, 2014, 2015, 2016, 2018 e 2019, cada ano contando com um artigo, e não foram identificados estudos de 2017, 2020 e 2021. Quanto ao idioma das publicações, todas foram redigidas em inglês. Ao analisar os anos de publicação e relacioná-los com as PICS utilizadas pelas crianças e adolescentes que participaram direta ou indiretamente das pesquisas, observou-se a desvalorização das práticas no Brasil, pois enquanto algumas já eram estudadas há algum tempo em outros países, o seu uso no SUS ainda

não fora regulamentado. Por exemplo, o estudo A8 foi realizado nos Países Baixos entre 2011 e 2012 e já relatou o uso do Reiki no cuidado oncológico, enquanto a sua utilização na saúde pública brasileira foi implementada em 2017 pela Portaria nº 849, de 27 de março de 2017, do Ministério da Saúde (BRASIL, 2017). Quanto ao tipo de delineamento metodológico das pesquisas, foram incluídos dois ensaios clínicos randomizados controlados, um ensaio clínico sem randomização e sete foram estudos descritivos ou qualitativos. A partir disso, a revisão contou com dois estudos com forte nível de evidência (nível II), um de evidência moderada (nível III) e sete com evidências fracas (nível VI). De fato, percebe-se que a grande maioria dos estudos incluídos (70%) apresentam um grau de evidência baixo conforme era esperado, pois a realização de estudos experimentais com PICS na pediatria ainda é limitado, especialmente no câncer, quando se compara com a quantidade de estudos disponíveis com o público adulto. Em relação ao tipo de periódico onde os artigos foram publicados, quatro foram publicados em revistas que tratavam especificamente de PICS, dois estudos em revistas de enfermagem em oncologia pediátrica, dois em revistas médicas (um em uma revista de medicina paliativa e outro em pediatria) e um foi publicado em uma revista que não era da área da saúde. O quadro 2 apresenta uma síntese dos dados extraídos dos 10 estudos incluídos na revisão a partir da aplicação do instrumento de coleta de dados, onde os artigos foram organizados e codificados em ordem decrescente quanto ao ano de publicação, isto é, da publicação mais recente até a mais antiga.

Houve uma predominância de estudos que tiveram como público-alvo os pais ou outros cuidadores de crianças e adolescentes com câncer, enquanto apenas três abordaram diretamente esses pacientes, sem a interferência dos pais. Destaca-se que, excluindo os estudos que tiveram como participantes apenas os pais, um artigo contou com profissionais que atuam na oncologia pediátrica como público-alvo, mais precisamente musicoterapeutas, e em outro os pais apenas auxiliaram as crianças e/ou adolescentes a preencherem os instrumentos de pesquisa, caso fossem muito jovens ou quando apresentavam alguma dúvida. Apesar dessa deficiência de estudos que abordassem apenas os pacientes, foi notado que nos últimos anos houve um maior interesse em explorar a percepção das crianças e adolescentes sobre os efeitos das PICS no tratamento do câncer, como pode-se observar pelos artigos A1 e A2 que foram publicados, respectivamente, em 2019 e 2018, indicando que a perspectiva desses sujeitos está sendo mais valorizada atualmente. Também é importante ressaltar que alguns estudos poderiam ter explorado a percepção das crianças que tivessem mais de 7 anos sobre, por exemplo, a dor, náusea e fadiga através do uso de instrumentos de mensuração, de modo a complementar ou validar o foi informado pelos pais, responsáveis ou profissionais, pois Linder (2005) identificou que crianças nessa faixa etária são capazes de descrever com precisão os sintomas que sentem.

Ressalta-se que, de acordo com Feitosa *et al.* (2014) e Linder (2005), o uso de instrumentos de mensuração validados propicia a coleta sistemática dos dados e a medição apropriada de dados subjetivos, assim como possibilita a correlação de suas variáveis através de análises estatísticas. Ou seja, o uso desses artifícios é um meio para acrescentar cientificidade para o estudo ao garantir a confiabilidade dos dados obtidos. Em relação aos tipos de câncer que os pacientes possuíam, os mais citados nos estudos foram a leucemia, os tumores do sistema nervoso, os linfomas inespecíficos e neuroblastomas. Esse achado condiz com a literatura, pois segundo Metayer *et al.* (2016) a leucemia é o câncer mais comum em crianças e adolescentes, cuja incidência na faixa etária de 0 a 14 anos vem crescendo 0,7% a cada ano desde 1975 nos Estados Unidos. Quanto ao tipo de abordagem convencional utilizada para tratar o câncer, a quimioterapia, a radioterapia e a cirurgia foram os mais citados, indo de acordo com o que o INCA (2020) relatou, pois considera essas abordagens como as principais no tratamento das neoplasias. Devido à diversidade de efeitos encontrados, optou-se por dividir a revisão integrativa em três categorias, em que duas foram definidas a partir do agrupamento dos efeitos quanto a dimensão humana afetada pelo uso das PICS nos pacientes com câncer infanto-juvenil, isto é, se as práticas provocaram

Quadro 1. Síntese dos artigos incluídos na revisão, Fortaleza – CE, Brasil, 2021

Código	Autores	País	Ano	Objetivo	Tipo de estudo	Amostra
A1	Zucchetti, G.; Candela, F.; Bottigelli, C.; Campione, G.; Parrinello, A.; Piu, P.; Fagioli, F.	Itália	2019	Avaliar a viabilidade e eficácia do Reiki como um complemento aos métodos tradicionais de controle da dor para pacientes pediátricos que estão recebendo o transplante de medula óssea	Estudo experimental dentro de grupo (<i>within- group design</i>)	9 crianças e adolescentes com idade entre 4 e 18 anos que haviam recebido o diagnóstico de câncer e estavam na fase de internamento do transplante de medula óssea
A2	Evans, A.; Malvar, J.; Garretson, C.; Kolovos, E.P.; elson, M.B.	Estados Unidos	2018	Investigar a utilidade da aromaterapia com gengibre para aliviar a náusea causada pela quimioterapia em crianças com câncer	Ensaio clínico randomizado, duplo-cego e controlado por placebo	49 pacientes com idade entre 8 e 20 anos em uso de quimioterapia para tratar o câncer
A3	Isaac-Otero, G.; Molina-Alonso, D.; Asencio-López, L.; Leal- Leal, C.	México	2016	Determinar a frequência do uso de tratamento alternativo ou complementar, assim como as razões para o seu uso em 100 casos de pacientes diagnosticados com câncer no <i>National Institute of Pediatrics of Mexico</i>	Survey	100 pais ou outros responsáveis de pacientes tratados no departamento de oncologia de um instituto pediátrico de saúde
A4	Sanchez, H.C.; Karlson, C.W.; Hsu, J.H.; Ostrenga, A.; Gordon, C.	Estados Unidos	2015	Examinar a prevalência e o tipo de medicina alternativa e complementar utilizada em crianças com câncer, assim como o motivo do seu uso e como ele ocorreu antes, durante e após o tratamento da criança e do adolescente	Estudo observacional	61 pais de crianças e adolescentes com câncer que tinham idade entre 3 e 18 anos
A5	Reuelta-Iniesta, R.; Wilson, M.L.; White, K.; Stewart, L.; McKenzie, J.M.; Wilson, D.C.	Escócia	2014	Determinar a prevalência do uso da medicina alternativa e complementar e práticas espirituais na população oncológica pediátrica no sudeste da Escócia e estabelecer os motivos e efeitos perceptíveis do seu uso	Survey retrospectivo	74 pais de crianças menores de 18 anos diagnosticadas com câncer
A6	Valji, R.; Adams, D.; Dagenais, S.; Clifford, T.; Baydala, L.; King, W.J.; Vohra, S.	Canadá	2013	Avaliar a prevalência e os padrões de uso da medicina alternativa e complementar entre pacientes ambulatoriais de oncologia pediátrica em duas clínicas acadêmicas no Canadá	Survey	129 crianças e adolescentes com idade inferior a 18 anos e/ou seus pais, que preencheram o questionário nos casos em que as crianças eram muito jovens e ajudaram os mais velhos, caso necessário
A7	Tomažević, T.; Jazbec, J.	Eslovênia	2013	Verificar a eficácia do uso de própolis ao comparar com grupo placebo no tratamento da mucosite oral causada pela quimioterapia	Ensaio clínico randomizado, duplo-cego e controlado por placebo	40 pacientes com idade entre 1 e 19 anos diagnosticados com câncer que utilizavam quimioterapia
A8	Singendonk, M.; Kaspers, G.; Naafs-Wilstra, M.; Meeteren, A.S.; Loeffen J.; Vliege, A.	Países Baixos	2013	Investigar a prevalência do uso da medicina alternativa e complementar, possíveis determinantes para o seu uso e a atitude dos pais em relação a comunicação e pesquisa sobre medicina alternativa e complementar	Survey	Pais de pacientes diagnosticados com câncer com idade entre 0 e 21 anos
A9	O'Callaghan, C.; Dun, B.; Baron, A.; Barry, P.	Austrália	2013	Examinar as percepções de musicoterapeutas sobre música, incluindo a relevância da musicoterapia para pacientes pediátricos com câncer	Estudo qualitativo	Quatro musicoterapeutas que trabalhavam com pacientes pediátricos com câncer
A10	Heath, J.A.; Oh, L.J.; Clarke, N.E.; Wolfe, J.	Austrália	2012	Determinar a prevalência do uso da medicina alternativa e complementar durante o período de fim de vida ao entrevistar os pais de crianças que morreram de câncer	Estudo retrospectivo de método misto	96 pais de crianças e adolescentes que faleceram entre 1996 e 2004 em decorrência do câncer

Fonte: Elaborado pela autora.

efeitos físicos e psicoespirituais. Alguns estudos abordaram os efeitos de maneira inespecífica e devido a isso foi criada uma categoria para dissertar sobre esses achados, pois, apesar de não revelarem qual aspecto foi afetado, ainda mostram que a prática provocou algum efeito no paciente. Destaca-se que alguns artigos foram alocados em duas ou mais categorias, pois abordaram mais de um tipo de efeito.

Efeitos Físicos: Os efeitos físicos relacionados à utilização das PICS em crianças e adolescentes com câncer foram redução da dor, promoção do relaxamento, impacto nos efeitos colaterais do tratamento do câncer, restrição do crescimento do câncer e reforço do sistema imunológico.

Redução da dor: A dor em crianças e adolescentes com câncer é um indicativo de que elas estão com grande esgotamento e, caso não sejam aplicadas medidas para aliviá-la, pode causar sintomas de estresse pós-traumático, aumento da ansiedade e baixa capacidade de enfrentamento, pois esses pacientes apresentam uma maior vulnerabilidade aos efeitos psicológicos causados pelo não alívio da dor (DUFFY *et al.*, 2019). A redução da dor foi apontada como um dos efeitos das PICS em quatro estudos, sendo o segundo efeito mais citado entre os artigos incluídos na revisão. O estudo A1 foi o único que aplicou uma prática específica visando reduzir a dor, enquanto que nos artigos A3, A4 e A10 foi citada como o efeito adquirido a partir da aplicação de variadas PICS. O estudo A1 realizou sessões de Reiki três vezes por semana, em dias alternados e com duração de 30 minutos e avaliou a dor a partir da *Wong-Baker FACES Pain Scale* em crianças com idade entre 4 anos e 8 anos e da *Visual Analogue Scale* (VAS) para maiores de 8 anos. Essa avaliação foi realizada em 4 momentos, a saber: 1) na manhã do dia em que a sessão seria realizada, às 11:00; 2) antes da sessão, às 15:00; 3) após a sessão, às 18:00; e 4) no dia em que a sessão não era realizada, às 11:00. A progressão da dor foi analisada a curto, médio e longo prazo, e os autores verificaram que houve uma redução da dor durante algumas horas após a sessão e que o nível de dor se manteve estável por até um dia após a sessão. Não houve comprovação de que o Reiki interferiu na dor a longo prazo. No estudo A3 os participantes responderam um questionário que verificava os hábitos relacionados ao uso das PICS que as crianças utilizavam, questionando-os sobre a razão que motivou o seu uso e os efeitos observados. A média de idade das crianças cujos pais foram entrevistados foi de quatro anos e o principal tipo de PIC utilizada foi a biológica, com o uso de plantas sendo uma das principais práticas. O alívio da dor foi percebido por 3 dos 37 participantes que afirmaram ter percebido alguma melhora no quadro de saúde da criança. O estudo A4 também utilizou um questionário para coletar dados, porém com uma população menor em relação ao estudo anterior. 60,7% dos participantes informaram que seus filhos utilizam alguma PIC antes, durante ou após o tratamento do câncer. As práticas utilizadas foram Massoterapia (9,8%), Meditação (4,9%) e Quiropraxia/Osteopatia e Fitoterapia (1,6%). 75% dos cuidadores relataram que as práticas foram muito úteis e, entre essas pessoas, 16,7% afirmaram que observaram um alívio da dor. O estudo A10 foi o último que mencionou o alívio da dor como efeito do uso de PICS e o único de todos os artigos da revisão a analisá-lo em pacientes com câncer durante o período do fim de vida. Para isso, entrevistaram e aplicaram um questionário aos participantes e descobriu-se que 30% das crianças utilizaram pelo menos um tipo de prática durante o período, sendo que 44% desses utilizaram mais de um tipo. A maioria dos entrevistados (78%) relataram que perceberam que as PICS beneficiaram de algum modo seus filhos, entretanto não foi especificado a quantidade de pessoas que citaram cada benefício, porém um dos efeitos citados foi a redução da dor. Destaca-se que os pais não perceberam que o uso das PICS provocou algum sofrimento na criança, mostrando que a prática não prejudicou de algum modo a sua qualidade de vida nesse período.

Promoção do relaxamento: Os estudos A3 e A10 também citaram o relaxamento como um dos efeitos percebidos pelos pais quando seus filhos utilizaram alguma prática. No primeiro, cerca de 2% dos pais relataram esse efeito e no segundo não foi especificada a quantidade de pessoas que informaram isso. Esse baixo percentual pode ter

ocorrido pelo instrumento de coleta ter sido composto por itens semiestruturados, e os pais podem ter priorizado outros resultados em detrimento do relaxamento. Apesar do estudo A10 não ter identificado o total de participantes que mencionaram o relaxamento, esse achado ainda é importante, pois é o único artigo que analisa o uso das PICS em pacientes paliados. Dentro desse contexto, a promoção do relaxamento é importante, já que, corroborando com a Academia Nacional de Cuidados Paliativos (2012), um dos pilares dos cuidados paliativos é a promoção do conforto, devendo ser aplicados cuidados que visem aliviar sintomas desagradáveis e melhorar a qualidade de vida do paciente.

Impacto nos efeitos colaterais do tratamento do câncer: O tratamento do câncer pode causar diversos efeitos colaterais nos pacientes. Esta subcategoria contou com 5 estudos, que discutiram os efeitos das PICS sob os efeitos colaterais do tratamento desde uma maneira geral até sua influência em problemas específicos, como na fadiga, mucosite oral e náusea. Os artigos A3 e A4 foram os que trataram sobre os efeitos adversos de uma maneira geral, em que o A4 informa que para 33,3% dos pais entrevistados houve uma redução desses efeitos e no A3 cerca de 10% dos participantes observaram uma redução da toxicidade do tratamento. Infere-se que os autores do A3 preferiram utilizar esse termo para se referir aos efeitos adversos, pois foi o termo que os pais utilizaram ao responder o instrumento de coleta que também, devido a sua natureza semiestruturada, não ofereceu opções de resposta, deixando os participantes livres para utilizar o seu linguajar. Os artigos A3 e A10 citaram que houve uma melhora do estado físico das crianças e adolescentes para cerca de 37% dos entrevistados e que os pacientes demonstraram maior energia para realizar atividades, respectivamente. Esses dados mostram que as PICS podem ter ajudado a reduzir a fadiga, que é considerado o efeito adverso mais comum do câncer e piora a qualidade de vida dos pacientes, assim como reduz as suas chances de sobreviver a doença (BOWER, 2014). De acordo com Evans *et al.* (2018) e Dupuis *et al.* (2019) a náusea, assim como a fadiga, é um efeito colateral que afeta muitos pacientes em tratamento do câncer. É um sintoma subjetivo que não é muito bem controlado pelo uso de antieméticos, sendo fonte de estresse e desconforto para as crianças. Baseando-se nisso, o estudo A2 utilizou o *Pediatric Nausea Assessment Tool*

(PeNAT) para analisar o nível de náusea e comparou os dados obtidos antes da administração do antiemético e da quimioterapia, e após a inalação da substância (água, shampoo ou essência de gengibre) e a infusão do quimioterápico. A aromaterapia foi bem recebida e tolerada, atóxica e não invasiva para os pacientes e, entre os 21 pacientes que indicaram sentir náusea antes da quimioterapia, 67% relataram melhora, 5% piora e 28% sem alteração na pontuação do PeNAT após a infusão do tratamento. Entretanto, não houve uma diferença estatística significativa na pontuação do PeNAT entre os grupos experimental, de controle e placebo. O mesmo resultado ocorreu ao analisar os pacientes que relataram não sentir náusea antes da infusão. A partir disso, conclui-se que a aromaterapia com essência de gengibre não foi eficaz para reduzir de maneira significativa a náusea nos participantes do estudo. Contudo, o número reduzido de participantes pode ter influenciado nesse resultado, pois inicialmente os autores esperavam que fossem incluídos 200 pacientes. Logo, não se pode afirmar com convicção que essa essência não interfere na náusea, pois vários pacientes informaram que esse efeito ocorreu. O estudo A7, assim como o artigo A2, tratou de um efeito colateral da quimioterapia. Porém, ao invés da náusea, analisou o efeito de uma PIC no contexto da mucosite oral severa. Esse efeito adverso pode afetar 52 a 81% das crianças e a dor que causa as torna incapazes de comer, deglutir e dialogar. Por ser uma condição debilitante de difícil tratamento, vários pesquisadores estão utilizando PICS para aliviar esse efeito colateral da quimioterapia (TOMAŽEVIĆ; JAZBEC, 2013). As crianças e adolescentes que participaram do estudo A7 realizaram um protocolo de cuidado oral com própolis, que era aplicado durante a manhã e à noite. Ao contrário do estudo anterior, este não detectou uma redução do desfecho e os autores sugeriram que uma concentração diferente de própolis da utilizada possa ser relevante para o tratamento da

mucosite. Apesar desses resultados, o estudo desenvolvido por Eslami *et al.* (2016) mostrou que o uso de própolis em situação semelhante em adultos influencia na redução de mucosite oral após 14 dias de uso. Salienta-se que vários participantes mostraram melhores resultados ao utilizar a própolis, quando comparado às outras intervenções utilizadas, e uma maior tendência a continuar usando esse produto após o encerramento da pesquisa. Logo, é preciso de mais estudos sobre a temática para verificar a eficácia da prática, pois o estudo A7 foi o único a discutir a apicultura na pediatria.

Restrição do crescimento do câncer: Segundo Brasil (2008), a restrição do crescimento do câncer e sua consequente eliminação do organismo é o principal objetivo do tratamento oncológico e aproximadamente 10% dos pais que participaram do estudo A3 associaram esse efeito ao uso das PICS. Todavia, esse resultado pode ter sido alcançado pelo tratamento convencional utilizado, já que as práticas atuaram como agente complementar e não como substitutas, quanto pela prática complementar em si, pois o estudo de Running *et al.* (2016) sugere que o uso de práticas bioenergéticas pode auxiliar na redução do tamanho de tumores e metástases.

Reforço do sistema imunológico: O sistema imunológico pode ser um poderoso aliado no combate ao câncer, tanto que o seu fortalecimento é o foco da imunoterapia, uma das abordagens terapêuticas que pode ser utilizada ao lidar com neoplasias. Esse tratamento utiliza estratégias que melhoram a resposta imunológica ao câncer por meio da estimulação dos componentes imunitários que mediam esse processo, assim como através da supressão dos seus inibidores (REZAEI *et al.*, 2020). Assim sendo, aproximadamente 8% dos participantes do estudo A3 relataram que houve um reforço do sistema imunológico. Contudo, assim como ocorreu com a restrição do crescimento do câncer, não foram mencionados testes que comprovassem esse achado, já que também é um efeito que não pode ser diretamente observável. Supõe-se que esse efeito tenha sido citado porque os pais observaram nos exames dos filhos uma melhora das taxas de linfócitos e outras células imunológicas. Logo, não se descarta a possibilidade de que as PICS possam ter potencializado a atuação imunológica do organismo, pois acredita-se que algumas podem estimular a ação do sistema imunológico em relação ao câncer, como a associação da acupuntura com a moxabustão (PAIS *et al.*, 2014).

Efeitos psicoespirituais: Observou-se que os efeitos psíquicos e espirituais citados pelos artigos A4, A9 e A10 foram aumento da resiliência, promoção de vínculo familiar, melhora na comunicação, redução da ansiedade e promoção de fé e esperança.

Aumento da resiliência: O aumento da resiliência nas crianças e adolescentes durante o tratamento do câncer foi mencionado pelos estudos A9 e A10. No primeiro os dados foram coletados a partir de grupos focais, cuja discussão foi norteada a partir de um roteiro semiestruturado. Os participantes relataram que a criação de músicas permitiu que as crianças vivenciassem metaforicamente situações que considerassem assustadoras, fazendo com que estivessem mais preparadas para lidar com os procedimentos hospitalares quando realmente ocorressem. Analogamente, os participantes do estudo A10 mencionaram que os seus filhos apresentaram uma atitude mais positiva frente as situações que vivenciaram ao utilizarem PICS durante o período de fim de vida. É necessário destacar que apesar do artigo A10 informar esse efeito como uma atitude mais positiva da criança, ele foi considerado como resiliência, já que Murphy *et al.* (2017) e Chung *et al.* (2021) a definiram como a capacidade de alcançar resultados positivos frente a níveis elevados de estresse ou grandes adversidades e manter o bem-estar mental durante esse processo. A partir disso, considerou-se essa atitude como resiliência, já que o enfrentamento ao câncer ocasiona estresse excessivo à criança, aos adolescentes e seus familiares. Portanto, supõe-se que as PICS podem ajudar a tornar as crianças e adolescentes mais resilientes e por conseguinte ajudá-las a manter a sua saúde mental durante e após o tratamento do câncer. Ademais, seu uso deve ser

incentivado, pois Chung *et al.* (2021) recomenda que os profissionais de saúde busquem implementar medidas para aumentar a resiliência, a fim de melhorar o estado psicológico e a qualidade de vida desses pacientes.

Promoção de vínculo familiar: Os musicoterapeutas que participaram do estudo A9 também observaram que a musicoterapia possibilitou uma maior interação entre as crianças e seus familiares, de modo que puderam retomar interações lúdicas e cotidianas que aconteciam antes do diagnóstico. Essa reaproximação foi vista como um meio que trouxe um maior senso de normalidade para os pacientes dentro do seu tratamento. O tratamento do câncer provoca uma ruptura social do paciente e de seus familiares, já que eles precisam modificar seus costumes para priorizar as novas necessidades que a doença demanda. Uma dessas mudanças ocorre na comunicação e interação social, e pode impactar negativamente na qualidade de vida tanto de quem foi diagnosticado quanto da sua família (MANSANO-SCHLOSSER; CEOLIM, 2012). Além disso, baseando-se em Vrontaras (2018), o suporte da família é considerado crucial pelos pacientes em tratamento do câncer e o apoio durante esse momento pode ajudá-los a desenvolver comportamentos adaptativos, possibilitando a redução das taxas de morbidade e mortalidade. À vista disso e do que foi encontrado pelo estudo A9, conclui-se que o vínculo familiar propiciado pela musicoterapia é importante para amenizar as repercussões do câncer, promovendo um maior conforto para quem precisa enfrentá-lo e possibilita maiores chances de sobrevivência.

Melhora na comunicação: Outro efeito citado pelo artigo A9 foi a facilidade que os pacientes encontraram para se comunicarem por meio da música, nos casos em que não sabiam falar inglês ou por problemas cognitivos. Com a musicoterapia eles foram capazes de se comunicar com pessoas além de seus familiares, facilitando o seu vínculo com os profissionais de saúde e outras pessoas. O vínculo e a comunicação entre o paciente e os profissionais de saúde no âmbito da oncologia é necessário para assegurar que o paciente compreenda e aceite o seu diagnóstico e influencia no seu nível de satisfação com o cuidado que recebe, já que valorizam os profissionais que tem uma atitude positiva nos diálogos e que os ajudam a se sentirem esperançosos (PRIP *et al.*, 2018).

Redução da ansiedade: A musicoterapia descrita no artigo A9 também pode ter ajudado na adoção de medidas que promovessem o bem-estar ao buscar utilizar instrumentos musicais para se distrair, como foi observado por um oncologista que relatou a um participante que um adolescente que ele acompanhava passou a tocar teclado enquanto esperava pela radioterapia, após ter aprendido a tocá-lo de maneira improvisada durante a internação. O médico também informou que o paciente após adotar essa atitude teve uma redução na manifestação de sintomas gástricos relacionados à ansiedade e associou esse acontecimento a musicoterapia. Essa associação prova-se ser fundamentada, visto que González-Martin-Moreno *et al.* (2021) mostraram em sua revisão sistemática que a musicoterapia pode ajudar a reduzir a ansiedade em crianças e adolescentes com câncer.

Promoção de fé e esperança: Os participantes dos estudos A4 e A10 observaram que durante o uso das PICS as crianças e adolescentes mostraram estar mais esperançosos e que tiveram uma maior aproximação com a sua fé. 50% dos pais que participaram do estudo A4 relataram que os filhos consideraram o uso das PICS como uma nova fonte de esperança. Enquanto que no A10, entre os 78% dos pais que afirmaram ter percebido algum benefício associado ao uso de PICS, um dos efeitos positivos mais citados foi a manifestação de uma atitude mais esperançosa ou uma maior aproximação com a fé nos seus filhos que estavam em estágio terminal do câncer. Baseando-se em Tsai *et al.* (2016), essa aproximação com a fé provocada pelas PICS são importantes para a manutenção da saúde mental dos pacientes com câncer, auxiliando-os a manter uma boa qualidade de vida durante o tratamento, já que esse estudo mostrou que os pais para os pacientes com câncer as crenças religiosas foram uma

fonte de suporte e força, assim como os ajudaram a ser mais confiantes em relação ao tratamento e a adotarem uma postura mais otimista frente ao estresse causado pela doença, além de promoverem uma redução da sua ansiedade. Acrescenta-se que a promoção da esperança observada em decorrência do uso das PICS pelos autores desses dois estudos é outro efeito que contribui para que o paciente tenha uma melhor qualidade de vida durante o tratamento, pois Li *et al.* (2018) afirmaram que quando a esperança está presente em um alto nível, pode contribuir para que haja uma redução da ansiedade e depressão e um maior apoio social, logo pode ser considerada uma estratégia de enfrentamento fundamental para esses pacientes.

Efeitos inespecíficos: No estudo A5 os dados relacionados aos efeitos das PICS foram coletados visando identificar quais práticas os pais acreditavam que tinha beneficiado de algum modo seus filhos e não abordou quais foram esses efeitos. O artigo encontrou que 55% dos pacientes fizeram o uso de PICS e que 76% dessas pessoas experimentaram mais de um tipo de prática. De todas as PICS utilizadas, as práticas corpo-mente, como a Massoterapia, foram consideradas muito benéficas para 53% dos participantes e para 47% foram vistas como parcialmente benéficas. O artigo A6 relatou se um resultado positivo ou negativo foi alcançado após o uso das práticas. Foi aplicado um questionário para coletar os dados e os autores observaram que todos os participantes afirmaram que a Aromaterapia e Massoterapia foram úteis, enquanto que para 16,7% a Quiropraxia não foi útil. Para 8,3% dos participantes talvez a Quiropraxia tenha sido útil, enquanto que para o Reiki essa taxa foi de 12,5%. Em ambos estudos citados a Massoterapia foi considerada pelos participantes como benéfica para as crianças e os adolescentes. Apesar de não ser especificado quais foram esses benefícios, esse achado condiz com a literatura, pois a revisão sistemática de Rodríguez- Mansilla *et al.* (2017) sugere que os efeitos relacionados ao seu uso são a redução da dor, náusea, vômito, estresse pós-traumático, depressão, ansiedade e aumenta a quantidade de glóbulos brancos e neutrófilos. O artigo A6 também discutiu a segurança do uso de PICS e foram relatados a ocorrência de sete efeitos adversos relacionados ao uso das terapias complementares. Desses, quatro efeitos foram considerados leves. Um efeito adverso moderado foi mencionado em relação a acupuntura e nenhum efeito severo foi identificado.

Todavia, é preciso considerar esse resultado com cautela, pois é possível que os efeitos colaterais possam ter ocorrido devido a abordagem terapêutica utilizada para tratar o câncer e não devido ao uso das PICS propriamente ditas, já que é de conhecimento que o tratamento do câncer pode causar vários efeitos adversos. Ademais, não foi realizada uma análise que permitisse afirmar com certeza que a prática complementar causou esses malefícios. No artigo A8 a coleta de dados, assim com os dois artigos já discutidos nessa subcategoria, foi realizada a partir da aplicação de um questionário e os autores identificaram que 48,9% dos pais relataram que as práticas foram muito efetivas para o seu filho; 25,8% consideraram que foi um pouco efetivo, apenas 3,9% relataram nenhuma efetividade, enquanto que 21,4% dos pais não tiveram certeza da efetividade. Além do mais, o grupo de pais que afirmaram terem utilizado PICS recomendadas por um especialista nas práticas foi o que mais percebeu a terapia como muito eficaz, mostrando a relevância de buscar orientação de um profissional capacitado para utilizar essas terapias. Não obstante, a sua atuação não dispensa a necessidade de também consultar um médico e os outros profissionais de saúde que trabalham com a abordagem convencional do câncer sobre o uso das PICS. A não discussão do uso de PICS pelos pais e médicos foi abordada em diversos estudos analisados, em que algumas das principais razões para isso acontecer foi o receio dos pais quanto a reação do profissional de saúde e a resistência que demonstravam ao tratar do assunto, devido à falta de conhecimento sobre ele. De acordo com Susilawati *et al.* (2016), a disposição dos médicos para dialogar sobre PICS pode ajudá-los a expressar as suas preocupações e expandir o seu conhecimento sobre a temática através desse diálogo, podendo fazer com que as utilizem na sua prática clínica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O câncer em pacientes infanto-juvenis causa mudanças repentinas e intensas tanto para quem é diagnosticado quanto para a sua família, fazendo com que seja necessário a implementação de medidas que visem reduzir o impacto da doença na sua qualidade de vida nos âmbitos físico, psíquico e social. As PICS podem ser uma dessas medidas, já que esse estudo encontrou na literatura que uma ampla gama de práticas pode ser utilizada por esses pacientes durante o seu tratamento, podendo causar efeitos que os beneficiam de maneira integral, sendo um aparato que os auxilia a lidar com os desafios encontrados nessa etapa, podendo aumentar as suas chances de sobreviverem ao câncer preservando a sua saúde física e mental. Essa revisão também identificou a importância de buscar a assistência de um especialista em PICS ao optar por utilizá-las durante o tratamento do câncer e não se limitar ao que é encontrado na internet ou nas recomendações de familiares e conhecidos, visto que a escolha da prática mais adequada para cada caso pode acarretar em melhores resultados para o paciente. Além disso, é necessário haver um maior diálogo entre os profissionais envolvidos no tratamento da neoplasia e os pais de modo a agregar mais segurança ao associar as PICS às abordagens terapêuticas convencionais, assim como favorecer a sua integração ao cuidado clínico fornecido diariamente aos pacientes. Apesar desse estudo ter evidenciado a relevância do uso das PICS no cuidado oncológico prestado ao paciente infanto-juvenil, é necessário levar em consideração as limitações que foram identificadas durante o seu desenvolvimento, como a ausência de estudos nacionais, pois como a realidade do uso das PICS no Brasil destoa dos países onde os estudos foram realizados, algumas práticas realizadas nesses locais não são utilizadas no território nacional. Outras limitações foram a não combinação de outros termos além dos descritores ao consultar as bases de dados, o que pode ter contribuído para que a literatura disponível dentro dos parâmetros estabelecidos não fosse explorada em sua totalidade. O nível fraco de evidência da maioria dos artigos analisados e o déficit de pesquisas que explorassem apenas a perspectiva das crianças e adolescentes sobre a utilização das PICS foram outros entraves encontrados. Salienta-se que alguns resultados mencionados foram obtidos a partir de estudos qualitativos e necessitam ser analisados a partir de ensaios clínicos, a fim de validar a sua relação com as PICS. Esse aspecto revela que ainda é necessário esclarecer várias questões sobre a eficácia das PICS, sendo possível descobrir mais contribuições dessas práticas na promoção e recuperação da saúde da população. Fundamentando-se no que foi discutido, recomenda-se que sejam produzidos estudos, sobretudo nacionais, que forneçam um maior grau de evidência sobre os efeitos das PICS em pacientes infanto-juvenis a partir do uso de métodos com maior embasamento científico, de modo que fomente o fortalecimento dessas práticas no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS. Manual de Cuidados Paliativos ANCP. 2 ed. [São Paulo]: Academia Nacional de Cuidados Paliativos, 2012. 592 p. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2017/05/Manual-de-cuidados-paliativos-ANCP.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- AGUIAR, J.; KANAN, L.A.; MASIERO, A.V. Práticas Integrativas e Complementares na atenção básica em saúde: um estudo bibliométrico da produção brasileira. *Saúde debate* [Online], Rio de Janeiro, v. 43, n. 123, p. 1205-1218, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/0103-1104201912318>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- AMERICAN CANCER SOCIETY. What Are the Differences Between Cancers in Adults and Children?. Atlanta, 2019. Disponível em: <https://www.cancer.org/cancer/cancer-in-children/differences-adults-children.html>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- ARMENIAN, S.H.; MEADOWS, A.T.; BHATIA, B. Late Effects of Childhood Cancer and Its Treatment. In: PIZZO, P.A.;

- POPLACK, D.G. (org.). Principles and Practice of Pediatric Oncology [eBook]. 7 ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins Kluwer, 2016. p. 2763-2808.
- BARAJAS-NAVA, L.A.; GARDUÑO-ESPINOSA, J. Medical interventions for cancer treatment-induced symptoms in children: an overview. *Bol. Med. Hosp. Infant. Mex.*, México, v. 73, n. 6, p. 467-483, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.bmhime.2017.11.045>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- BERKMAN, A.M. *et al.* A review of psychological symptoms and post-traumatic growth among adolescent and young adult survivors of childhood cancer. *Journal of Health Psychology* [Online], Reino Unido, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1359105320971706>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- BOWER, J. Cancer-related fatigue – mechanisms, risk factors, and treatments. *Nat. Rev. Clin. Oncol.*, Reino Unido, v. 11, p. 597-609, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/nrclinonc.2014.127>. Acesso em: 11 fev. 2021.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Diário oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, n. 36, 20 fev. 1998. Seção 1, p. 3-9, 1998.
- BRASIL. Instituto Nacional de Câncer. Ações de enfermagem para o controle do câncer: uma proposta de integração ensino-serviço. / Instituto Nacional de Câncer. – 3 ed. rev. atual. ampl. – Rio de Janeiro: INCA, 2008. 628 p.: il. color. tab.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. Diário oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, n. 60, 28 mar. 2017. Seção 1, p. 68-69, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. Protocolo de diagnóstico precoce para oncologia pediátrica [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada e Temática. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017a. 29 p.: il. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/protocolo-de-diagnostico-precoce-do-cancer-pediatico>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- CARVALHO, T.G.P. *et al.* O Olhar do Paciente sobre o Câncer Infantojuvenil e Sua Percepção Acerca de Seus Sentimentos e Emoções Diante do Videogame Ativo. *Movimento*, Porto Alegre, RS, v. 24, n. 2, p. 413-426, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.72695>. Acesso em: 11 jan. 2021.
- CAUGHEY, L. *et al.* The use of CAM products, practices, and practitioners by long-term endometrial cancer survivors in Australia. *Support Care Cancer*, Alemanha, v. 28, n. 11, p. 5479-5489, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00520-020-05404-1>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- CHUNG, J.O.K. *et al.* Relationships among resilience, depressive symptoms, self-esteem, and quality of life in children with cancer. *Psycho-Oncology* [Online], Estados Unidos, v. 30, n. 2, p. 194-201, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/pon.5548>. Acesso em: 01 ago. 2021.
- Complement. Med., Estados Unidos, v. 21, n. 11, p. 660-666, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/acm.2014.0371>. Acesso em: 9 fev. 2021.
- DEMIRTEPE-SAYGILI, D.; BOZO, O. Affective experiences of the parents of children with cancer: A qualitative study. *Curr. Psychol.*, Estados Unidos, v. 39, n. 6, p. 2211-2220, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12144-018-9905-8>. Acesso em: 11 jan. 2021.
- Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/abc-do-cancer-abordagens-basicas-para-o-controle-do-cancer>. Acesso em: 23 dez. 2020.
- DUFFY, E.A. *et al.* Perspectives on Cancer Pain Assessment and Management in Children. *Semin. Oncol. Nurs.*, Estados Unidos, v. 35, n. 3, p. 261-273, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.soncn.2019.04.007>. Acesso em: 9 fev. 2021.
- DUPUIS, L.L. *et al.* A systematic review of symptom assessment scales in children with cancer. *BMC Cancer* [Online], Reino Unido, v. 12, article number 430, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/1471-2407-12-430>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- DUPUIS, L.L. *et al.* Risk factors for chemotherapy-induced nausea in pediatric patients receiving highly emetogenic chemotherapy. *Pediatr. Blood Cancer* [Online], Estados Unidos, v. 66, n. 4, e27584, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/pbc.27584>. Acesso em: 11 fev. 2021.
- ESLAMI, H. *et al.* Efficacy of Hypozalix spray and propolis mouthwash for prevention of chemotherapy-induced oral mucositis in leukemic patients: A double-blind randomized clinical trial. *J. Dent. Res. Dent. Clin. Dent. Prospects*, República Islâmica do Irã, v. 10, n. 4, p. 226-233, 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5237669>. Acesso em: 17 fev. 2021.
- EVANS, A. *et al.* The Use of Aromatherapy to Reduce Chemotherapy-Induced Nausea in Children With Cancer: A Randomized, Double-Blind, Placebo-Controlled Trial. *J. Pediatr. Oncol. Nurs.*, Estados Unidos, v. 35, n. 6, p. 392-398, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1043454218782133>. Acesso em: 9 fev. 2021.
- FEITOSA, M.C. *et al.* Uso de Escalas/Testes como Instrumentos de Coleta de Dados em Pesquisas Quantitativas em Enfermagem. *SANARE*, Sobral, CE, v. 13, n. 2, p. 92-97, 2014. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/579>. Acesso em: 9 fev. 2021.
- FERNANDES, L.M.S.; SOUZA, A.M. Significados do Câncer Infantil: A Morte se Ocupando da Vida na Infância. *Psicol. estud.* [Online], Maringá, PR, v. 24, n. 1, e39521, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.39521>. Acesso em: 26 dez. 2020.
- GALVÃO, T.F.; PANSANI, T.S.A.; HARRAD, D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, DF, v. 24, n. 2, p. 335-342, jun. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- GONZÁLEZ-MARTÍN-MORENO, M. *et al.* Music-Based Interventions in Paediatric and Adolescents Oncology Patients: A Systematic Review. *Children* [Online], Suíça, v. 8, n. 2, article number 73, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/children8020073>. Acesso em: 13 fev. 2021.
- GUPTA, S. *et al.* Treating Childhood Cancer in Low- and Middle-Income Countries. *In: GELBAND, H. et al (org.). Disease Control Priorities: Cancer*, volume 3, 3 ed. Washington (DC): The International Bank for Reconstruction and Development/The World Bank. 2015. p. 121-146.
- HEATH, J.A. *et al.* Complementary and Alternative Medicine Use in Children with Cancer at the End of Life. *Journal of Palliative Medicine*, Estados Unidos, v. 15, n. 11, p. 1218-1221, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/jpm.2012.0150>. Acesso em: 9 fev. 2021.
- HOLM, K.E. *et al.* The impact of uncertainty associated with a child's chronic health condition on parents' health. *Fam. Syst. Health*, Estados Unidos, v. 26, n. 3, p. 282-295, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0012912>. Acesso em: 11 jan. 2021.
- HOOKE, M.C.; LINDER, L.A. Symptoms in Children Receiving Treatment for Cancer - Part I: Fatigue, Sleep Disturbance, and Nausea/Vomiting. *J. Pediatr. Oncol. Nurs.*, Estados Unidos, v. 36, n. 4, p. 244-261, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1043454219849576>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- HOWARD, S. *et al.* The My Child Matters programme: effect of public-private partnerships on paediatric cancer care in low-income and middle-income countries. *Lancet Oncol.* [Online], Reino Unido, v. 19, e252-266, 2018. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S1470-2045\(18\)30123-2](https://doi.org/10.1016/S1470-2045(18)30123-2). Acesso em: 20 dez. 2020.
- IMBACH, P.; KÜHNE, T.; ARCECI, R.J. Introduction. *In: IMBACH, P.; KÜHNE, T.; ARCECI, R.J. Pediatric Oncology:*

- A Comprehensive Guide [eBook]. 3 ed. Suíça: Springer International Publishing. 2014. p. XVII-XVIII.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. – 6 ed. rev. atual. – Rio de Janeiro: INCA, 2020. 112 p.: il.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Diagnóstico precoce do câncer na criança e no adolescente/Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, Instituto Ronald McDonald. – 2 ed. rev. ampl., 3 reimp - Rio de Janeiro: INCA, 2014. 146 p.: il. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/diagnostico-precoce-do-cancer-na-crianca-e-no-adolescente>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Estimativa 2020: incidência de câncer no Brasil. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva - Rio de Janeiro: INCA, 2019. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil>>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- INTERNATIONAL AGENCY FOR RESEARCH ON CANCER. Global Cancer Observatory: Cancer Tomorrow - Estimated number of new cases from 2020 to 2040, Incidence, Both sexes, age [0-85+], All cancers. 2020. Disponível em: <https://gco.iarc.fr/tomorrow/en/dataviz/tables?years=2025>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- ISAAC-OTERO, G. *et al.* The use of alternative or complementary treatment in pediatric oncologic patients: Survey of 100 cases in a level III attention institute. *Gac. Med. Mex.*, México, v. 152, n. 1, p. 5-9, 2016. Disponível em: http://www.anmm.org.mx/GMM/2016/n1_english/3095AX161_152_2016_UK1_005-009.pdf. Acesso em: 9 fev. 2021.
- JONG, M.C. *et al.* Development of an evidence-based decision aid on complementary and alternative medicine (CAM) and pain for parents of children with cancer. *Support Care Cancer*, Alemanha, v. 28, n. 5, p. 2415-2429, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00520-019-05058-8>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- LEE, S.M.; CHOI, H.C.; HYUN, M.K. An Overview of Systematic Reviews: Complementary Therapies for Cancer Patients. *Integrative Cancer Therapies* [Online], Estados Unidos, v. 18, n. 1, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1534735419890029>. Acesso em: 31 dez. 2020.
- LI, P. *et al.* Eficácia da intervenção de enfermagem para aumento da esperança em pacientes com câncer: uma meta-análise. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [Online], Ribeirão Preto, SP, v. 26, e2937, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.1920.2937>. Acesso em: 13 fev. 2021.
- LINDER, L.A. Measuring Physical Symptoms in Children and Adolescents With Cancer. *Cancer Nurs.*, Estados Unidos, v. 28, n. 1, p. 16-26, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/00002820-200501000-00003>. Acesso em: 9 fev. 2021.
- LINDER, L.A.; HOOKE, M.C. Symptoms in Children Receiving Treatment for Cancer - Part II: Pain, Sadness, and Symptom Clusters. *J. Pediatr. Oncol. Nurs.*, Estados Unidos, v. 36, n. 4, p. 262-279, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1043454219849578>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- MANSANO-SCHLOSSER, T.C.; CEOLIM, M.F. Qualidade de vida de pacientes com câncer no período de quimioterapia. *Texto contexto - enferm.* [Online], Florianópolis, SC, v. 21, n. 3, p. 600-607, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000300015>. Acesso em: 13 fev. 2021.
- MELNYK, B.M.; FINEOUT-OVERHOLT, E. Making the case for evidence-based practice. *In: MELNYK, B.M.; FINEOUT-OVERHOLT, E. Evidence-Based Practice in Nursing & Healthcare: A Guide to Best Practice*. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2005. p. 3-24.
- MENDES, K.D.S.; SILVEIRA, R.C.C.P.; GALVÃO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto contexto - enferm.* [Online], Florianópolis, SC, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- METAYER, C. *et al.* Childhood Leukemia: A Preventable Disease. *Pediatrics*, Estados Unidos, v. 38, suppl. 1, p. S45-S55, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1542/peds.2015-4268H>. Acesso em: 9 fev. 2021.
- MOREIRA-DIAS, P.L.; SILVA, I.P. A Utilização do Brinquedo durante o Tratamento de Crianças com Câncer: Percepções da Equipe Multidisciplinar. *Rev. Bras. Cancerol.* [Online], Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, p. 311-318, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2018v64n3.28>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- MURPHY, L.K. *et al.* Resilience in Adolescents with Cancer: Association of Coping with Positive and Negative Affect. *J. Dev. Behav. Pediatr.*, Estados Unidos, v. 38, n. 8, p. 646– 653, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/dbp.0000000000000484>. Acesso em: 12 fev. 2021.
- O'CALLAGHAN, C. *et al.* Music's relevance for children with cancer: music therapists' qualitative clinical data-mining research. *Soc. Work Health Care*, Estados Unidos, v. 52, n. 2-3, p. 125-143, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00981389.2012.737904>. Acesso em: 9 fev. 2021.
- PAIS, I. *et al.* Effects of Acupuncture on Leucopenia, Neutropenia, NK, and B Cells in Cancer Patients: A Randomized Pilot Study. *Evidence-based Complementary and Alternative Medicine* [Online], Reino Unido, v. 2014, Article ID 527163, p. 1-9, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2014/217397>. Acesso em: 11 fev. 2021.
- PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. Early Diagnosis of Childhood Cancer. Washington, DC: PAHO, 2014. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/34850>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- PDQ® INTEGRATIVE, ALTERNATIVE, AND COMPLEMENTARY THERAPIES EDITORIAL BOARD. PDQ Acupuncture. Bethesda, MD: National Cancer Institute. Atualizado em 20/11/2020. Disponível em: <https://www.cancer.gov/about-cancer/treatment/cam/hp/acupuncture-pdq>. Acesso em: 01 jan. 2021.
- PRIP, A. *et al.* The Patient-Healthcare Professional Relationship and Communication in the Oncology Outpatient Setting: A Systematic Review. *Cancer Nurs.*, Estados Unidos, v. 41, n. 5, p. E11-E22, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/NCC.0000000000000533>. Acesso em: 13 fev. 2021.
- REIS, B.O.; ESTEVES, L.R.; GRECO, R.M. Avanços e Desafios para a Implementação das Práticas Integrativas e Complementares no Brasil. *Rev. APS*, Juiz de Fora, MG, v. 21, n. 3, p. 355-364, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2018.v21.16383>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- REVUELTA-INIESTA, R. *et al.* Complementary and alternative medicine usage in Scottish children and adolescents during cancer treatment. *Complement. Ther. Clin. Pract.*, Reino Unido, v. 20, n. 4, p. 197-202, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ctcp.2014.05.003>. Acesso em: 9 fev. 2021.
- REZAEI, N. *et al.* Introduction on Cancer Immunology and Immunotherapy. *In: REZAEI, N. (org.). Cancer Immunology: A Translational Medicine Context* [eBook]. 2 ed. Alemanha: Springer International Publishing. 2020. p. 1-9.
- RODRÍGUEZ-MANSILLA, J. *et al.* Effects of the application of the therapeutic massage in children with cancer: a systematic review. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [Online], Ribeirão Preto, SP, v. 25, e2903, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.1774.2903>. Acesso em: 14 fev. 2021.
- RUNNING, A. *et al.* Bioenergy and Breast Cancer: A Report on Tumor Growth and Metastasis. *Evidence-based Complementary and Alternative Medicine* [Online], Reino Unido, v. 2016, Article ID 2503267, p. 1-9, 2016. Disponível em: <http://doi.org/10.1155/2016/2503267>. Acesso em: 11 fev. 2021.
- SANCHEZ, H.C. *et al.* Complementary and Alternative Medicine Use in Pediatric Hematology/Oncology Patients at the University of Mississippi Medical Center. *J. Altern. Sawyer, S.M. et al. Adolescence: a foundation for future health. The Lancet*, Países Baixos, v. 379, n. 9826, p. 1630–1640, 2012.

- Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(12\)60072-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(12)60072-5). Acesso em: 27 dez. 2020.
- SINGENDONK, M. *et al.* High prevalence of complementary and alternative medicine use in the Dutch pediatric oncology population: a multicenter survey. *Eur. J. Pediatr.* [Online], Alemanha, v. 172, n. 1, p. 31-37, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00431-012-1821-6>. Acesso em: 9 fev. 2021.
- SOUZA, M.T.; SILVA, M.D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, v. 8, n. 1, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- STELIAROVA-FOUCHER, E. *et al.* International incidence of childhood cancer, 2001–10: a population-based registry study. *Lancet Oncol.*, Países Baixos, v. 18, n. 6, p. 719-731, 2017. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S1470-2045\(17\)30186-9](https://doi.org/10.1016/S1470-2045(17)30186-9). Acesso em: 20 dez. 2020.
- SUSILAWATI, D. *et al.* Health-Care Providers' and Parents' Perspectives on Complementary Alternative Medicine in Children with Cancer in Indonesia. *Asian Pac. J. Cancer Prev.*, República Islâmica do Irã, v. 17, n. 7, p. 3235-3242, 2016. Disponível em: http://journal.waocp.org/article_32502.html. Acesso em: 16 fev. 2021.
- TOMAŽEVIČ, T.; JAZBEC, J.A. double blind randomised placebo controlled study of propolis (bee glue) effectiveness in the treatment of severe oral mucositis in chemotherapy treated children. *Complement. Ther. Med.*, Reino Unido, v. 21, n. 4, p. 306-312, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ctim.2013.04.002>. Acesso em: 9 fev. 2021.
- TSAI, T.J. *et al.* Influence of Religious Beliefs on the Health of Cancer Patients. *Asian. Pac. J. Cancer Prev.*, República Islâmica do Irã, v. 17, n. 4, p. 2315-2320, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.7314/apjcp.2016.17.4.2315>. Acesso em: 13 fev. 2021.
- TSIMICALIS, A. *et al.* The Impact of a Childhood Cancer Diagnosis on the Children and Siblings' School Attendance, Performance, and Activities: A Qualitative Descriptive Study. *J. Pediatr. Oncol. Nurs.*, Estados Unidos, v. 35, n. 2, p. 118-131, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1043454217741875>. Acesso em: 26 dez. 2020.
- URSI, E.S. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. 2005. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Fundamental) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.22.2005.tde-18072005-095456>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- VALJI, R. *et al.* Complementary and Alternative Medicine: A Survey of Its Use in Pediatric Oncology. Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine [Online], Reino Unido, v. 2013, Article ID 527163, p. 1-8, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2013/527163>. Acesso em: 9 fev. 2021.
- VRONTARAS, N. Cancer Patients' Views on the Family Changes and the Family Social Support. *Journal of European Psychology Students* [Online], Reino Unido, v. 9, n. 1, p. 16-27, 2018. Disponível em: <http://doi.org/10.5334/jeps.403>. Acesso em: 13 fev. 2021.
- WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. *J. Adv. Nurs.* [Online], Reino Unido, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x>. Acesso em: 12 jan. 2020.
- WILD, C.P.; WEIDERPASS, E.; STEWART, B.W. World Cancer Report: Cancer Research for Cancer Prevention. Lyon, França: International Agency for Research on Cancer, 2020. Disponível em: <http://publications.iarc.fr/586>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- ZAHED, G.; KOOHI, F. Emotional and Behavioral Disorders in Pediatric Cancer Patients. *Iran. J. Child. Neurol.*, República Islâmica do Irã, v. 14, n. 1, p. 113-121, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6956969>. Acesso em: 26 dez. 2020.
- ZUCCHETTI, G. *et al.* The Power of Reiki: Feasibility and Efficacy of Reducing Pain in Children With Cancer Undergoing Hematopoietic Stem Cell Transplantation. *J. Pediatr. Oncol. Nurs.*, Estados Unidos, v. 36, n. 5, p. 361–368, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1043454219845879>. Acesso em: 9 fev. 2021.
